

# O vinho na medicina tradicional romana: entre o sagrado e o empírico

*The wine in traditional Roman medicine: between the sacred and the empirical*

Marina Regis Cavicchioli\*

**Resumo:** Este estudo explora o papel crucial que o vinho desempenhou na medicina tradicional romana. O vinho não era apenas um alimento, mas também um componente terapêutico utilizado nas práticas de cura e na prevenção de doenças. Seu uso foi evidenciado desde a época arcaica, no que poderíamos denominar de medicina primitiva e que, posteriormente, se configurou como uma medicina tradicional baseada em ingredientes provenientes dos bosques e campos, frequentemente associados a libações e rituais mágico-religiosos. Desse modo, esse estudo explora a intersecção entre vinho, magia, religião e práticas de cura na Roma antiga, onde a figura da deusa Meditrina simboliza essa conexão, representando a cura, a longevidade e o próprio vinho. A obra de Catão também oferece *insights* sobre a medicina tradicional romana, enquanto também reflete resistência à influência grega e um apelo à preservação dos valores romanos tradicionais. Assim, o vinho é destacado como uma substância sagrada e terapêutica fundamental na prevenção e cura de doenças, além de estabelecer uma ligação entre a prática da medicina e da agricultura.

**Abstract:** This study explores the crucial role that wine played in the traditional Roman medicine. Wine was not only a foodstuff but also a therapeutic component used in healing practices and disease prevention. Its use has been evidenced since archaic times, in what could be termed primitive medicine and later evolved into traditional medicine based on ingredients sourced from forests and fields, often associated with libations and magical-religious rituals. Thus, this study explores the intersection between wine, magic, religion, and healing practices in ancient Rome, where the figure of the goddess Meditrina symbolizes this connection, representing healing, longevity, and wine itself. The work of Cato also provides *insights* into traditional Roman medicine while reflecting resistance to Greek influence and an appeal to preserve traditional Roman values. Therefore, wine is highlighted as a sacred and fundamental therapeutic substance in disease prevention and treatment, establishing a link between the practice of medicine and agriculture.

## Palavras-chave:

Vinho.  
Medicina romana.  
Práticas de cura.  
Rituais mágico-religiosos.  
Meditrina.  
Catão.

## Keywords:

Wine.  
Roman medicine.  
Healing practices.  
Magical-religious rituals.  
Meditrina.  
Cato.

---

Recebido em: 15/04/2024  
Aprovado em: 20/06/2024

---

\* Professora do Departamento e do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Bahia. Líder do grupo de pesquisa Cultura Material, Antiguidade e Cotidiano (CMAC).

### Considerações iniciais

O vinho desempenhou um papel crucial na dieta romana, não apenas como alimento, mas também como remédio. Além de possuir o papel de alimento/bebida, o vinho era empregado na prevenção e tratamento de uma variedade de doenças, tanto psicológicas, como tensões e dores de emocionais, como na prevenção de doenças físicas. Utilizado como fármaco, o vinho era frequentemente misturado com outras substâncias, como ervas e plantas, sendo tanto ingerido para a cura de determinadas doenças, como empregado para desinfetar e tratar ferimentos. As fontes antigas atestam inequivocamente o uso medicinal do vinho, como discutiremos em detalhes adiante. No entanto, para uma melhor compreensão de seus usos, é necessário primeiro examinar o contexto da medicina romana.

De acordo com o *Dicionário Etimológico*, de Ernout e Melliet (1932, p. 392), a palavra medicina deriva do termo *medeōr*, um verbo que denota a ação de cuidar, tratar ou medicar. É plausível que desde sua origem, o termo tenha sido empregado na terminologia médica, com o sentido de “fornecer medicamento”. De *medeōr*, derivaram-se diversos termos relacionados, tais como *medēns* (medicina), *medela* (uma palavra arcaica para remédio, substituída na época clássica por *remedium*), *medicus* (médico), *medibilis* (remediável), *Meditrina* (uma deusa associada à cura, vida longa, saúde e ao vinho), *medicamen* e *medicamentum* (ambos significando medicamento), *medicinalis* (medicinal) e *medicare* (curar), entre outros. Além disso, *medicus* e seus derivados, como *medicatus* e *medicamen*, também tinham a conotação de cura através da magia.

Na atualidade, observa-se uma significativa disparidade entre o conceito de medicina, entendido como um campo do saber desenvolvido a partir de métodos científicos, cujas práticas englobam o diagnóstico, tratamento e prevenção de enfermidades e outras condições relacionadas à saúde, abrangendo diversas disciplinas, como anatomia, fisiologia, bioquímica, farmacologia, patologia, microbiologia, entre outras, e as práticas de cura que se fundamentam em costumes tradicionais, utilização de ervas, rituais místicos e religiosos. A medicina da Roma Antiga não pode ser avaliada sob esses critérios contemporâneos, uma vez que se desenvolveu em um contexto cultural, social e científico distinto, marcado por diferentes concepções e abordagens terapêuticas.

Durante muito tempo, a prática médica na Roma antiga esteve fundamentada, predominantemente, no uso tradicional de ervas e alimentos como agentes terapêuticos, amiúde associados a libações e outros rituais religiosos. Nesse contexto, a medicina não era concebida como um campo científico distinto, mas sim como um conjunto de práticas e rituais de origem mágica, e a prática médica era exercida por aqueles que detinham

esses saberes. Nos primórdios de Roma, não existia a figura do médico profissional, e essas práticas de cura eram geralmente conduzidas dentro da esfera familiar, sobretudo pelo *pater famílias* e, ocasionalmente, por uma mulher mais velha (Santacroce; Battalico; Charitos, 2017, p. 2; Real, 2004, p. 306). Não existiam bases teóricas sólidas e a terapêutica era baseada, principalmente, no uso de vegetais e de fórmulas mágicas, caracterizando assim um saber predominantemente empírico (Santacroce; Battalico; Charitos, 2017, p. 2). Essa caracterização é corroborada por Mudry (2016, p. 179):

Trata-se de uma medicina primitiva e popular, o que não significa necessariamente ineficaz; exclusivamente empírica, se entendermos por isso certo número de receitas baseadas em uma experiência tosca, que não se inscreve em qualquer tentativa de construção de um sistema etiológico e patológico racional. Os remédios consistiam essencialmente dos produtos comuns da fazenda, legumes diversos, vinho, mel, ervas aromáticas, cuja eficácia terapêutica repousa sobre as preparações complicadas das quais são objeto.

A chegada dos médicos de origem grega, entre os séculos III a II AEC, teve um impacto significativo na prática médica romana, conforme observado por Mudry (2016, p. 181). Essa transformação foi caracterizada pela incorporação de discussões teóricas e filosófica às práticas de cura tradicionais, de modo que nessa nova medicina:

No lugar das receitas tradicionais e empíricas, dos sortilégios e fórmulas mágicas, ela propunha uma explicação natural da doença, inscrevendo-a em uma interpretação global do homem e do mundo. Ela oferecia terapêuticas fundadas sobre a pesquisa das causas da enfermidade e empregava um tesouro de conhecimentos diversos, anatômicos, fisiológicos, patológicos, dietéticos, farmacêuticos e cirúrgicos, que uma longa tradição havia acumulado. Dispunha, enfim, de uma importante literatura específica sobre a qual poderia se apoiar (Mudry, 2016, p. 182).

Entretanto, conforme apontado por Santacroce, Battalico e Charitos (2017, p. 2), uma “verdadeira educação na arte da medicina não existia em Roma até os séculos I e II E.C., então qualquer um poderia declarar-se médico e abrir uma ‘clínica’ sem qualquer conhecimento teórico e experiência prática”.<sup>1</sup>

Não se pode negar que muitos médicos de origem grega alcançaram sucesso em Roma, contribuindo para o estabelecimento da figura do *medicus* (médico). Contudo, é importante ressaltar que muitos desses médicos eram escravos ou libertos que, reconhecidos como artesãos habilidosos, foram agraciados e instruídos na arte da

---

<sup>1</sup> “A real education in the art of medicine did not exist in Rome up to the 1st–2nd century C.E., so anyone could declare himself a doctor and open a “clinic” without any theoretical knowledge and practical experience” (Santacroce; Battalico; Charitos, 2017, p. 2).

medicina por seus proprietários, a fim de servirem como médicos pessoais ou familiares (Santacroce; Battalico; Charitos, 2017, p. 2). Real (2014, p. 306) ressalta que essa nova forma de medicina não estava acessível a todos, e muitos continuavam a recorrer à medicina tradicional por necessidade, ou ainda por uma escolha e por considerar os médicos gregos pouco confiáveis.

Plínio, em sua obra, oferece uma crítica significativa aos médicos de origem grega, afirmando que, antes da chegada dos médicos gregos em Roma, não havia uma classe distintiva de médicos na sociedade romana, mas a prática da medicina já estava presente:

A medicina muda todos os dias, depois de ter sido tantas vezes modificada. Somos impulsionados pelo vento do charlatanismo grego; e é evidente que o primeiro entre eles habilidoso em discursar se torna imediatamente o árbitro de nossa vida e morte; como se milhares de povos não vivessem sem médicos, nem por isso estão sem medicina; assim foi o povo romano por mais de seiscentos anos; no entanto, nunca foi lento em receber as artes úteis; ele até acolheu a medicina com avidez, até que, feita a prova, a condenou (Plínio, *Naturalis Historia*, 29, 5, 5).<sup>2</sup>

Assim, muitos romanos continuavam considerando o *pater famílias* como o único médico em quem um romano deveria confiar (Sandei, 2008, p. 2) e consideravam as práticas de cura tradicionais, consideradas legitimamente romanas, como as mais apropriadas.

Sobre essa medicina legitimamente romana, Mudry (2016, p. 181) argumenta que:

[...] se houve uma medicina legitimamente "romana", ela deve ser considerada como fruto do mundo rural latino, com suas receitas e terapias tradicionais, não se igualando aos avanços obtidos pela medicina grega, mas que não se eximiu, todavia, de uma rica reflexão acerca da arte médica e do papel do médico.

## O vinho como remédio e bebida sagrada

Inicialmente, é relevante destacar que o vinho, na Roma arcaica, era, a princípio, um produto importado e raro, acessível apenas a uma minoria privilegiada. De modo geral, considera-se, com base em ânforas encontradas em tumbas, que as primeiras importações de vinho, no Lácio, datam entre 720-700 AEC (Gras, 1983, p. 1068-1069). Pode-se inferir que também existia uma produção limitada a partir da colheita de uvas de videiras selvagens (*vitis selvática*), porém, essa prática era bastante restrita, já que essas videiras produziam quantidades reduzidas de vinho. Todavia, foi por volta da primeira metade do

<sup>2</sup> "Mutatur ars cottidie totiens interpolis, et ingeniorum graeciae flatu inpellimur, palamque est, ut quisque inter istos loquendo polleat, imperatorem illico vitae nostrae necisque fieri, ceu vero non milia gentium sine medicis degant nec tamen sine medicina, sicuti populus romanus ultra sexentesimum annum, neque ipse in accipiendo artibus lentus, medicinae vero etiam avidus, donec expertam damnavit" (Plin., *HN.*, 29, 5, 5).

século VII AEC que se observou o surgimento de uma cultura do cultivo de videiras no Lácio (Gras, 1983, p. 1070), com a transição de uma produção pequena baseada na *vitis selvatica* para uma economia vitícola nascente, com o emprego de técnicas específicas de plantio e poda voltadas para a produção do vinho (Gras, 1983, p. 1070). A partir desse período, observa-se um aumento gradual na produção e no consumo de vinho, embora este continuasse a ser um produto consumido por uma parcela restrita da sociedade.

Será sobretudo após as mudanças estruturais decorrentes das Guerras púnicas e da expansão romana (Sandei, 2008, p. 1) que o consumo de vinho se generaliza, tornando-se *alimentum* e, assim, um elemento essencial da dieta romana de todos os estratos sociais (Tchernia, 1986; Brun, 2003). Vale ressaltar, no entanto, que havia uma variedade de tipos e qualidades de vinhos consumidos por diferentes grupos sociais ou em contextos específicos. Entre esses contextos de consumo, destacam-se os rituais sagrados e o uso do vinho em práticas de prevenção e cura de doenças, tanto em seres humanos quanto em animais.

É desafiador determinar precisamente quando o vinho começou a ser empregado nas práticas de cura, prevenção de doenças e promoção da saúde na Roma antiga. Em geral, considera-se que, na Roma arcaica, o uso inicial do vinho estava principalmente associado a propósitos sagrados (Sandei, 2008, p. 1). Noailles observa que o vinho: "é inicialmente uma bebida sagrada e um remédio, ou seja, uma bebida mágica. Mais tarde, apenas, se torna um item de consumo" (Noiales, 1948, p. 20).<sup>3</sup> Gras (1983, p. 1072) também afirma que para a sociedade romana arcaica o vinho não é uma bebida qualquer: ele era um líquido sagrado medidor das relações entre os homens e os deuses.<sup>4</sup> Gras, por sua vez, delimita de forma inequívoca a distinção entre o vinho sagrado, empregado em rituais de oferendas aos deuses e como agente terapêutico, e os vinhos para consumo comum: o vinho sagrado era o vinho puro, não diluído com água ou outros aditivos, chamado de *temetum*, *vinum merum*. Seu uso era reservado aos homens: sacerdotes, magistrados e o *pater familias* (Gras, 1983, p. 1071).

Dentre os usos do vinho em rituais de época arcaica, destacam-se as libações realizadas durante a *Meditrinalia*, uma festa associada à produção do vinho, celebrada após a prensagem da uva (Dumezil, 1975, p. 98). Embora, geralmente se atribuam os sacrifícios da *Meditrinalia* a Júpiter (De Cazanone, 1998, p. 249-251; Dumézil, 1975, p. 95,

---

<sup>3</sup> "C'est d'abord un breuvage sacré et un remède, c'est à dire une boisson magique. Plus tard seulement, il devient une denrée de consommation" (Noiales, 1948, p. 20).

<sup>4</sup> "Le vin n'est pas une boisson quelconque : il est un liquide sacré médiatisant les relations entre hommes et dieux" (Gras, 1983, p.1072).

98), em alguns relatos eles aparecem vinculados à Meditrina (*Sextus Pompeius Festus, De verborum significatu quae supersunt*, 123, 15).<sup>5</sup>

### **De acordo com o enciclopedista latino Sexto Pompeio Festo:<sup>6</sup>**

Era costume entre os povos latinos que, no dia em que alguém bebesse pela primeira vez o mosto, dissesse por razões auspiciosas: 'Bebo vinho novo e velho, curo doenças antigas e novas'. Dessas palavras também foi derivado o nome da deusa Meditrina e suas festas foram chamadas de *Meditrinalia* (P. Fest., 123, 15).<sup>7</sup>

Meditrina, deusa da cura, era originalmente uma divindade romana, possivelmente adotada pelos gregos após a conquista romana. Ela era uma das seis filhas de Esculápio e Epione, porém é a única filha de Esculápio a não ser identificada com uma deusa grega, fazendo parte dos *di indigetes*. Os *di indigetes* eram deuses indígenas, pertencentes à religião e mitologia romana primitiva, considerados como deuses pátrios, em contraste com os *di nouensiles*, deuses importados de outras localidades e de origem recente em Roma (Schling, 1968, p. 90).<sup>8</sup> Meditrina presidia tanto os medicamentos e as curas quanto estava associada à longevidade e ao vinho (Ernout; Meillet, 1932, p. 392). Em sua homenagem, o consumo de vinho era praticado como um meio de busca por cura (Le Boniec, 1979, p. 393) durante as festividades da *Meditrinalia*. A *Meditrinalia*, conforme Sexto Pompeio Festo, era a festa celebrada em honra a Meditrina em outubro, durante a qual libações de vinho eram oferecidas em devoção a deusa, também atuando como pedidos de cura. Varrão descreve essas libações da seguinte maneira:

Outubro era o mês da *Meditrinalia*, dias ditos para a cura, quando Flacus, o flâmine de Marte, dizia que neste dia era costumeiro oferecer e provar vinho novo e velho por razões medicinais; o que muitos ainda fazem hoje em dia, quando dizem: "Bebendo vinho novo e velho: eu curo doenças novas e velhas (Varrão, *De lingua latina*, 6, 21).<sup>9</sup>

<sup>5</sup> Alguns autores, como De Cazanove (1998), Dumezil (1975), consideram a *Meditrinalia* uma festa dedicada a Júpiter e não a Meditrina. Existe uma polêmica se esta festa seria originalmente dedicada a Meditrina que com o passar do tempo foi substituída por Júpiter, ou se criou-se, *a posteriori*, com Pompeio Festo, a ideia de que a festa era originalmente dedicada a Meditrina. Para mais detalhes sobre essa festa e seu culto a Júpiter cf. Dumézil (1975, p. 95-107).

<sup>6</sup> Sexto Pompeio Festo, possivelmente nascido em Narbone, atual França, foi um enciclopedista latino que escreveu sobre o significado das palavras em sua obra, hoje fragmentária, *De verborum significatu*, obra datada da segunda metade do século II E.C. (Heim; Sallmann, 2000, p. 276).

<sup>7</sup> "Mos erat Latinis populis, quo die quis [primurri] gustaret mustum, dicere ominis gratia: « Vētus nouom uinum bibo, ueteri nouo morbo medeor. » A quibus uerbis etiam Meditrinae deae nomen conceptum, eiusque sacra Meditrinalia dicta sunt." (P. Fest., 123, 15).

<sup>8</sup> "Et, si les contemporains de Tite-Live comprenaient indigetes — indigenae, cette assimilation montre qu'en tout état de cause l'expression a dû s'opposer toujours aux di novensiles, comme les « dieux de la patrie » aux « dieux d'origine récente » (Schling, 1968, p. 90).

<sup>9</sup> *Octobri mense Meditrinalia dies dictus a medendo, quod Flaccus flamen Martialis dicebat hoc die solitum vinum novum et vetus libari et degustari medicamenti causa; quod facere solent etiam nunc multi cum dicunt: Novum vetus vinum bibo:*

A cultura material também fornece pistas sobre Meditrina (Aupert, 1992, p. 164). Foram encontradas algumas estelas associadas à deusa. Uma delas, particularmente, bem conservada até os dias atuais, foi encontrada na vila francesa de Grand, na região de Vosges, entre 1841 e 1842. Grand é hoje uma pequena vila, mas foi uma cidade de proporções significativas em época romana, como testemunham seus inúmeros vestígios arqueológicos, como muralhas, mosaicos, basílica e canalizações subterrâneas, entre outros (Bouvier, 2006, p. 267). Esta estela tem aproximadamente 70 cm de altura e 48 cm de largura e está atualmente sob conservação no Museu de Épinal, com uma cópia exposta no Musée des Antiquités Nationales de Saint-Germain-en-Laye, e outra no Museu Romano de Grand (Bouvier, 2006, p. 267; Aupert, 1992, p. 164). A estela é objeto de inúmeros estudos,<sup>10</sup> e embora tenha recebido diferentes interpretações ao longo do tempo, vários pesquisadores a identificam como a representação da deusa Meditrina conforme resumido por Aupert (1992, p. 164) e Bouvier (2006, p. 267).

---

*novo veteri morbo medeor* (*Varro, Ling.*, 6, 21). Tradução nossa.

<sup>10</sup> Para um inventário mais completo dos vários estudos que esta estela já recebeu desde sua descoberta, cf. Aupert, 1992, p. 164-165.

**Figura 1** - Estela de Meditrina, deusa romana do vinho e da saúde<sup>11</sup>



Fonte: Wikimedia Commons contributors. Wikimedia Commons. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=30161976>. Acesso em: 04 jun. de 2024

Nesta estela, podemos observar a representação de uma mulher jovem vestindo uma túnica longa, com seu pé esquerdo apoiado sobre um banquinho. Ela está pressionando um objeto plano, parcialmente restaurado, semelhante a tabletas, com sua mão esquerda sobre o joelho, enquanto segura uma *patera* na outra mão. Destaca-se a representação da *patera*, que sugere um uso ritualístico para libações de vinho, reforçando a possibilidade de ser a deusa Meditrina. À direita da figura, abaixo há um forno e uma pequena pá e, acima deles, possivelmente, uma caldeira coberta com uma tábua que suporta uma cuba. Dentro da cuba, há um objeto, talvez uma colher, cuja extremidade do cabo se assemelha a um caduceu. Na parte superior, contra a parede, há uma prateleira de ripas onde estão afixados o que parecem ser duas ânforas arredondadas de cabeça para baixo. À esquerda

<sup>11</sup> Fotografia de Carole Raddato, de Frankfurt, Alemanha, contendo a seguinte descrição: "Roman Goddess of Wine and Health, Roman Grand (Andesina)". Tradução: "Deusa romana do vinho e da saúde, grande romana (Adesina)".

da mulher, ao fundo, há outra figura feminina de pé, vestindo uma túnica, encostada em algo que pode ser um tanque ou bacia, possivelmente um alambique, preso na parede. Ela segura com ambas as mãos um tubo que parece observar com atenção. Abaixo, estão visíveis mais alguns tanques sobrepostos. O frontão da estela é decorado com uma rosa.

Espérandieu (1966, n. 4892) descreve a estela como a representação de uma deusa protetora de uma farmácia, sugerindo a identificação de Meditrina. Outros autores e guias de museus citados por Bouvier e Aupert também interpretam a estela como relacionada a uma farmácia ou como representando uma deusa protetora desse ambiente (Bouvier, 2006, p. 268-269). Bouvier (2006, p. 274-281), no entanto, propõe uma interpretação alternativa: a estela poderia representar uma cena relacionada à produção de queijos.

Dois objetos específicos nos fazem questionar, todavia, a interpretação de Bouvier (2006, p. 276): a *patera* e o caduceu. Bouvier discute a representação do caduceu, observando que “o caduceu, hoje emblema das profissões medicais, é em sua origem um atributo dos pastores gregos”.<sup>12</sup> No entanto, sua interpretação possui dois problemas: o primeiro consiste no fato de que ele utiliza uma iconografia grega de Hermes pastoreando e, em seguida, uma iconografia romana de Mercúrio em sua justificativa (Bouvier, 2006, p. 275). Todavia, é importante ressaltar que tanto Hermes quanto Mercúrio,<sup>13</sup> assim como Esculápio, são divindades que possuem o caduceu como objeto típico de suas representações iconográficas.

Um segundo problema com a interpretação de Bouvier (2006, p. 276) é que ele mesmo admite que o esquecimento da origem do caduceu e o mistério de seu significado ao longo do tempo resultaram na associação do símbolo à medicina a partir do V século AEC. Em relação à *patera*, Bouvier não oferece nenhum comentário sobre a sua presença.

Assim, esses dois elementos em especial, embora não tenham sido tratados de maneira específica por Espérandieu, nos direcionam para sua interpretação e reforçam a possibilidade de que esta iconografia represente a deusa Meditrina. As *paterae*, por um lado, tinham um uso ritualístico para libações de vinho, o que se vincula aos rituais associados a Meditrina; por outro lado, o caduceu estava relacionado à medicina e à cura, sendo um dos símbolos de seu pai, Esculápio.<sup>14</sup>

<sup>12</sup> “Le caducée, aujourd’hui emblème des professions médicales est, à l’origine, un attribut du berger grec” (Bouvier, 2006, p. 276).

<sup>13</sup> Vale lembrar que Mercúrio é em Roma associado ao Hermes grego.

<sup>14</sup> Esculápio é o deus da medicina e da cura, de origem grega, onde era chamado de Asclépio, foi posteriormente incorporado pelos romanos. Existem várias versões de seu mito. Segundo a versão mais recorrente de sua lenda, ele era filho de Apolo e de Corônis, uma mortal. Após a morte de sua mãe, ele foi retirado do ventre de Corônis pelo seu pai através de uma cesariana. E, em seguida, teria sido criado pelo centauro Quíron, quem o ensinou a caça e as artes da cura. Ele ficou muito habilidoso na cura através de ervas e cirurgias e chegou a ressuscitar os mortos, o que levou Zeus a matá-lo com um raio. Seu culto foi bastante disseminado no mundo grego e posteriormente por todo Império

As relações de Esculápio, deus da cura, com o vinho não são claras. Esculápio, deus de origem grega, foi posteriormente incorporado ao panteão romano. Embora, geralmente, não seja associado à bebida, existe uma polêmica em torno da passagem de Arnóbio (*Adversus Nationes*, 7,23) que, ao enumerar várias festas anuais pagãs, menciona Júpiter e, em seguida, Esculápio: "fazemos a vindima a Esculápio e o celebramos. Porque os deuses cultivam a videira!" (Arnobia, *Adversus nationes*, 7, 23).<sup>15</sup> A relação de Júpiter com a videira é recorrente, todavia, há controvérsias sobre se Arnóbio estaria errado em seu comentário, pois teria confundido Esculápio com Liber Pater, uma vez que Esculápio não estaria tradicionalmente associado ao vinho (Le Bonniec, 1979, p. 393).<sup>16</sup>

Le Bonniec (1979, p. 393), argumentando com as suas ideias e de vários autores, defende a ideia apresentada por Festugière de que "nós não conhecemos de modo suficiente todos os detalhes dos cultos pagãos, notadamente na época do sincretismo para ter o direito de corrigir",<sup>17</sup> complementando que talvez tenha havido, em algum momento ou localidade, uma associação do deus da cura e medicina Esculápio com os vinhedos, uma vez que em Roma havia muitos usos medicinais do vinho.

## O vinho e a medicina tradicional na obra de Catão

Muitos escritos abordaram os usos do vinho naquilo que podemos categorizar como medicina tradicional romana, em contraposição à medicina de origem grega, mas certamente, nenhum é tão emblemático quanto os escritos de Catão.

Embora Catão tenha produzido diversas obras, sobre temas variados "*De agricultura*" (*Sobre a agricultura*), um texto redigido por volta de 160 AEC, é o único trabalho completo do autor que chegou até nós. Trata-se de um manual que delinea as diretrizes para a gestão de propriedades rurais, fornecendo normas e regras para a criação e administração de propriedades rurais, ensinando administração de grandes propriedades, com a presença de numerosos escravos.

Nascido em uma família abastada, Catão passou sua juventude em uma propriedade sabina que herdou de seu pai (Citroni *et al*, 2006, p. 137). Conhecido por sua eloquência e por advogar pela aniquilação de Cartago, ocasião em que a célebre frase *delenda Cathago est* lhe foi atribuída, ele também se destacou por suas severas críticas

Romano. Havia muito templos e santuários em seu nome, que atuavam como locais de cura. (Hart, 2000, p. 1-9).

<sup>15</sup> "Aesculapii geritur celebraturque uindemia. Colunt enim dii uineas..." (Arn., *Adv. nat.*, 7, 23).

<sup>16</sup> Para ver as diferentes opiniões de autores e tradutores, bem como algumas proposições de correção das traduções propostas, cf. Le Bonniec, 1979, p. 393

<sup>17</sup> "Nous ne connaissons pas assez tous les détails des cultes païens, notamment à l'âge du syncrétisme, pour avoir le droit de corriger" (Festugière, 1952, p. 208-254 *apud* Le Bonniec, 1979, p. 393).

à liberalidade e à “degeneração dos costumes”, assumindo a posição de guardião da integridade romana. Valorizando a medicina tradicional, Catão se opunha tenazmente à influência dos costumes helenizantes na cultura romana, defendendo o apego aos ideais rurais e aos valores tradicionais em todas as esferas da vida romana (Citroni et al, 2006, p. 138).

Catão, portanto, se opôs firmemente à influência dos costumes helenizantes na cultura romana, ao mesmo tempo em que advogava pela preservação do ideal “rural” e dos “valores tradicionais” em todas as esferas da vida romana. Seu objetivo era revitalizar o papel dos romanos, destacando os “valores tradicionais” por meio da exaltação da vivência no campo, como uma resposta aos vícios e à corrupção associados às cidades (Citroni et al, 2006, p. 139).

Embora Catão se inspirasse em fontes da filosofia e da literatura grega, ele não apenas combatia os costumes helenizantes, mas também se opunha firmemente à influência da cultura grega. Nesse sentido, Catão defendia os valores tradicionais romanos e era um defensor do *mos maiorum*, que ele alegava ter sido influenciado pelos sabinos (Citroni et al, 2006, p. 144; Trevisan, 2016, p. 13). Portanto, é plausível afirmar que Catão manifestava uma postura hostil em relação a hábitos que não estivessem alinhados com os valores tradicionais romanos, chegando a considerá-los como degenerados e perigosos.

Relevante mencionar parte da produção literária de Catão, em particular uma obra de cunho didático conhecida como *Ad Marcum filium*. Nos fragmentos preservados, que nos chegaram por meio de uma citação de Plínio, encontramos um texto no qual Catão aconselha seu filho a desconfiar dos gregos e de sua cultura, especialmente no que diz respeito à medicina. Nesse fragmento, conforme apresentado por Plínio, Catão afirma:

Vou falar sobre esses gregos, meu filho Marcus, no momento e lugar apropriados. Vou destacar o que encontrei de excelente em Atenas e demonstrarei que é bom ter algum conhecimento de suas letras, mas não as aprofundar. É uma raça perversa e indisciplinada. Acredite que um oráculo disse isso: Sempre que esta nação compartilhar seus conhecimentos, corromperá tudo. Será ainda pior se eles nos enviarem seus médicos: eles juraram entre si matar todos os bárbaros usando a medicina; eles exercem essa profissão por dinheiro, para ganhar sua confiança e perdê-los facilmente. Eles também nos chamam de bárbaros e nos denigrem ainda mais do que aos outros, nos chamando de ‘*Opiques*’.<sup>18</sup> Proíbo você de se envolver com médicos (Plin., HN., 29, 7, 1).<sup>19</sup>

<sup>18</sup> Οπικός, palavra grega que pode significar bárbaro, grossoiro.

<sup>19</sup> “Dicam de istis graecis suo loco, m. fili, quid athenis exquisitum habeam et quod bonum sit illorum litteras inspicere, non perdiscere. Vincam nequissimum et indocile genus illorum, et hoc puta vatem dixisse: quandoque ista gens suas litteras dabit, omnia conrumpet, tum etiam magis, si medicos suos hoc mittet. Iurarunt inter se barbaros necare omnes medicina, sed hoc ipsum mercede faciunt, ut fides iis sit et facile disperdant. Nos quoque dictitant barbaros et spurcius nos quam alios Οπικῶν appellatione foedant. interdixi tibi de medicis.”(Plin., HN., 29, 7, 1).

É notável que Catão, em seu tradicionalismo e profunda desconfiança em relação ao estrangeiro, além de sua defesa fervorosa do *mos maiorum*, demonstra uma posição extremamente combativa à medicina grega e aos gregos como um todo (Trevisan, 2016, p. 13). Ele associa a medicina grega com a usura e afirma que ela representa, potencialmente, uma ferramenta que os gregos utilizarão para prejudicar e matar os romanos.

Em contrapartida a essa medicina de origem grega, podemos observar, em várias passagens do *De agri cultura*, o aconselhamento sobre o uso de uma medicina tradicional, baseada em produtos provenientes do campo. No tratado, Catão se dirige a um hipotético *pater famílias* responsável pela saúde da esposa, dos filhos, dos escravos e também de seus animais, descrevendo de maneira detalhada vários usos do vinho como medicamento e preventivo de doenças.<sup>20</sup>

Para as dores ciáticas ele dá a seguinte receita:

Faze o vinho para as dores ciáticas assim: retalha miudamente um pedaço de madeira de zimbro de meio pé de espessura. Faze ferver com um côngio de vinho envelhecido. Quando esfriar, põe em uma bilha e em seguida toma um cíato pela manhã em jejum: fará bem (Catão, *De Agri Cultura*, 123).<sup>21</sup>

Para indigestão, algo que ele descreve como “dor de lado” e “cólica”, temos:

Faze vinho com murta assim: seca a murta negra na sombra. Quando já estiver seca, conserva até a vindima, esmaga meio módio de murta em uma urna de mosto e veda. Quando a fermentação do mosto parar, retira a murta. Serve para indigestão, dor de lado e cólica (Cato, *Agr.*, 125).<sup>22</sup>

O vinho também era usado em mistura para criar remédios anti-helmínticos:

Para cólicas, diarreias e se tênias e lombrigas molestarem: toma trinta maçãs púnicas ácidas, esmaga e põe em um pote com três côngios de vinho escuro forte; veda o vaso. Depois de trinta dias, abre e usa; bebe uma hêmina em jejum (Cato, *Agr.*, 126).<sup>23</sup>

<sup>20</sup> Todas as traduções a seguir foram feitas por Trevisan (2016).

<sup>21</sup> “*inum ad isciacos sic facito. De iunipiro materiem semipedem crassam concidito minutum. Eam infervefacito cum congio vini veteris. Ubi refixerit, in lagonam confundito et postea id utito cyatum mane iejunus; proderit*” (Cato, *Agr.*, 123).

<sup>22</sup> “*Vinum murteum sic facito. Murtam nigram arfacito in umbra. Ubi iam passa erit, servato ad vindemiam, in urnam musti contundito murtae semodium, id oblinito. Ubi desiverit fervere mustum, murtam eximoto. Id est ad alvum crudam et ad lateris dolorem et ad coeliacum*” (Cato, *Agr.*, 125).

<sup>23</sup> “*Ad tormina, et si alvus non consistet, et si taeniae et lumbrici molesti erunt. XXX mala Punica acerba sumito, contundito, indito in urceum et vini nigri austeri congios III. Vas oblinito. Post dies XXX aperito et utito; iejunus heminam bibito*” (Cato, *Agr.*, 126).

A seguir, uma receita para vários fins, com distinção nas prescrições para crianças e adultos:

Para remediar a dispepsia e a estrangúria: colhe as flores das macieiras púnicas quando florescerem, põe três minas delas em uma ânfora, junta um quadrante de vinho envelhecido e uma mina de raízes de funcho limpas e esmagadas. Veda a ânfora e, depois de trinta dias, abre e usa. Quando quiseres digerir o alimento e urinar, bebe disso o quanto quiseres sem nenhum risco. O mesmo vinho livra das têniás e lombrigas se o preparares assim. Manda que se fique sem jantar. No dia seguinte, pila uma dracma de incenso, uma dracma de mel cozido e um sextário de vinho perfumado com orégano. Dá em jejum e, a uma criança, conforme a idade, um trióbolo e uma hêmima de vinho. Faze com que suba sobre um pilar, salte dez vezes e caminhe (Cato, *Agr.*, 127).<sup>24</sup>

Existem ainda os usos sacrificiais da bebida, nos quais observamos que, além de proteger os campos e as plantações, o sacrifício deveria salvaguardar a saúde da família, dos pastores e do rebanho:

É preciso purificar o campo assim: manda que o sacrifício da suouetaurilia seja levado em torno dele. "Com a benevolência dos deuses e para ter sucesso, confio a ti, ó Mânia, que te ocupes de purificar minha propriedade, campo e minha terra com esta suouetaurilia, em qualquer parte que julgares convir que seja levada ou circule". Faze tu primeiro uma prece com vinho a Jano e a Júpiter, fala estas palavras: "Pai Marte, suplico-te e rogo que sejas favorável e benévolos para mim, minha casa e minha gente e por esse motivo mandei que a suouetaurilia fosse levada em torno de meu campo, minha terra e minha propriedade; que tu afastes, repelas e apartes as doenças visíveis e invisíveis, a desdita, a destruição, o flagelo e as intempéries; consintas que as searas, os cereais, os parreirais e as mudas cresçam e se desenvolvam bem; conserves os pastores e o rebanho com boa saúde e dês boa saúde e vigor a mim, minha casa e minha gente; por esse motivo, para purificar e tornar puros minha propriedade, minha terra e meu campo, como disse, sejas glorificado com essa *suouetaurilia* de vítimas não desmamadas. Pai Marte, por esse motivo sejas glorificado com essa *suouetaurilia* de vítimas não desmamadas".

Também oferece com uma faca a strues e o fertum; em seguida, faze a oferenda. Quando imolares o porco, o carneiro e o bezerro, é preciso dizer isto: "por esse motivo sejas glorificado pelas vítimas da suouetaurilia". Não se deve pronunciar "Marte", "carneiro" ou "bezerro". Se não se tiver bom presságio em tudo, recita esta fórmula: "Pai Marte, se algo naquela suouetaurilia de vítimas não desmamadas não te agradou, eu te aplaco com esta suouetaurilia". Se houver dúvida a respeito de um ou dois animais, recita esta fórmula: "Pai Marte, pelo que não te agradou naquele porco, eu

<sup>24</sup> "Ad dyspepsiam et stranguriam mederi. Malum Punicum ubi florebit, conligito, tris minas in amphoram infundito, vini Q. I veteris addito et feniculi radicem puram contusam minam. Oblinito amphoram et post dies XXX aperito et utito. Ubi voles cibum concoquere et lotium facere, hinc bibito quantum voles sine periculo. Idem vinum taenias perpurgat et lumbricos, si sic concinnes. Incenatum iubeto esse. Postridie turis drachmam unam conterito et mel coctum drachmam unam et vini sextarium origaniti. Dato ieuno, et puero pro aetate triobolum et vini heminam. Supra pilam inscendat et saliat decies et deambulet" (Cato, *Agr.*, 127).

te aplaco com o sacrifício expiatório deste porco" (Cato, *Agr.*, 141).<sup>25</sup> Grifo nosso.

Em relação ao gado, além da passagem citada anteriormente, temos uma série de outras passagens com receitas específicas. Na passagem abaixo, podemos notar o uso recorrente do número três, o que poderia estar associado a algum tipo de magia:

Remédio para os bois: no temor de uma doença, dá aos sãos três grãos de sal, três folhas de louro, três folhas de alho-poró, três bulbos de ulpicum, três dentes de alho, três grãos de incenso, três hastes de erva sabina, três folhas de arruda, três caules de dragontea branca, três favas brancas, três brasas de carvão e três sextários de vinho. É preciso que isso tudo seja reunido, triturado e dado enquanto ficas de pé. Quem o dará deve estar em jejum. Dá esse remédio a cada boi por três dias. Reparte-o assim: quando deres três vezes a cada um, que não reste mais nada; faze com que próprio boi e quem dará fiquem ambos de pé. Dá em um vaso de madeira. (Cato, *Agr.*, 70).<sup>26</sup>

A receita abaixo apresenta passagens semelhantes à anterior, ressaltando em ambas a ideia de que quem prepara e administra o remédio aos bois deve estar em pé:

Se um boi começar a adoecer, dá-lhe logo um ovo de galinha cru: faze com que o devore inteiro. No dia seguinte, tritura um bulbo de ulpicum com uma hêmima de vinho e faze com que sorva. Que triture em pé e dê em um vaso de madeira, e que o próprio boi e quem dará fiquem de pé. Dá em jejum ao boi em jejum (Cato *Agr.*, 71).<sup>27</sup>

<sup>25</sup> "Agrum lustrare sic oportet. Impera suovitaurilia circumagi: «Cum divis volentibus quodque bene eveniat, mando tibi, Mani, uti illace suovitaurilia fundum agrum terramque meam quota ex parte sive circumagi sive circumferenda censeas, uti cures lustrare.» Ianum lovemque vino praefamino, sic dicio, «Mars pater, te precor quaeisque uti sies volens propitius mihi domo familiaeque nostrae, quoius re ergo agrum terram fundumque meum suovitaurilia circumagi iussi, uti tu morbos visos invisoisque, viduertatem vastitudinemque, calamitates intemperiasque prohibessis defendas averruncesque; utique tu fruges, frumenta, vineta virgultaque grandire beneque evenire siris, pastores pecuaque salva servassis duisque bonam salutem valetudinemque mihi domo familiaeque nostrae; harumce rerum ergo, fundi terrae agrique mei lustrandi lustri faciendi ergo, sicuti dixi, macte hisce suovitaurilibus lactentibus inmolandis esto; Mars pater, eiusdem rei ergo macte hisce suovitaurilibus lactentibus esto.» Item cultro facito struem et fertum uti adsiet, inde obmoveto. Ubi porcum inmolabis, agnum vitulumque, sic oportet: «Eiusque rei ergo macte suovitaurilibus inmolandis esto.» Nominare vetat Martem neque agnum vitulumque. Si minus in omnis litabit, sic verba concipito: «Mars pater, siquid tibi in illisce suovitaurilibus lactentibus neque satisfactum est, te hisce suovitaurilibus piaculo.» Si in uno duobusve dubitabit, sic verba concipito: «Mars pater, quod tibi illoc porco neque satisfactum est, te hoc porco piáculo» (Cato, *Agr.*, 141).

<sup>26</sup> "Bubus medicamentum. Si morbum metues, sanis dato salis micas tres, folia laurea III, porri fibras III, ulpici spicas III, alií spicas III, turis grana tria, herbae Sabinae plantas tres, ruta folia tria, vitis albae caules III, fabulos albos III, carbones vivos III, vini S. III. Haec omnia sublimiter legi teri darique oportet. Ieiunus siet qui dabit. Per triduum de ea potionе uni cuique bovi dato. Ita dividito, cum ter uni cuique dederis, omnem absumas, bosque ipsus et qui dabit facito ut uterque sublimiter stent. Vaso ligneo dato" (Cato, *Agr.*, 70).

<sup>27</sup> "Bos si aegrotare cooperit, dato continuo ei unum ovum gallinaceum crudum; integrum facito devoret. Postridie caput ulpici conterito cum hemina vini facitoque ebibat. Sublimiter terat et vaso ligneo det, bosque ipsus et qui dabit sublimiter stet. Ieiunus ieíuno bovi dato" (Cato, *Agr.*, 71).

Existem ainda os tratamentos preventivos, nos quais notamos que, além da prescrição dos preparos alimentares/medicamentosos à base de vinho, Catão ressalta a importância de que os bois bebam água:

Quando as uvas começarem a variegar-se, medica anualmente os bois para que tenham boa saúde. Quando vires uma pele de serpente, recolhe-a e conserva-a para não precisares procurar por uma quando houver necessidade. Tritura junto a pele, a espelta, o sal e o serpão com vinho e dá de beber a todos os bois. No verão, cuida sempre de que os bois bebam água boa e pura: ajuda-os a ter boa saúde (Cato, *Agr.*, 73).<sup>28</sup>

As serpentes provavelmente representavam um problema recorrente no contexto rural romano, já que temos receitas específicas para tratamento de picadas de serpentes, aplicáveis tanto a animais quanto a humanos:

Se uma serpente morder um boi ou qualquer outro quadrúpede, mói em uma hêmina de vinho envelhecido um acetábulo de nigela, que os médicos chamam de *zmurnaeum*. Insere pelas narinas e põe esterco de porco sobre a própria mordida. Faze o mesmo a um homem se houver necessidade (Cato, *Agr.*, 102).<sup>29</sup>

Também eram realizadas oferendas em prol da saúde dos bois.

Faze a oferenda pela saúde dos bois assim: oferece a Marte Silvano, em um bosque e durante o dia, três libras de espelta, quatro e meia de toucinho, quatro e meia de carne e três sextários de vinho por boi; junte-se isso tudo em um só vaso e o vinho em outro vaso se junte. Será permitido que um escravo ou homem livre faça a oferenda. Quando o culto for concluído, que se consumam logo e no mesmo local. Que uma mulher não presencie esse culto nem veja como acontece. Será possível fazer essa oferenda anualmente caso o desejes. (Cato *Agr.*, 83).<sup>30</sup>

Nessa última passagem, percebemos ainda os tabus em relação à presença feminina nos sacrifícios com vinho.

<sup>28</sup> "Ubi uvae variae coeperint fieri, bubus medicamentum dato quotannis, uti valeant. Pellem anguinam ubi videris, tollito et condito, ne quaeras cum opus siet. Eam pellem et far et salem et serpulum, haec omnia una conterito cum vino, dato bubus bibant omnibus. Per aestatem boves aquam bonam et liquidam bibant semper curato; ut valeant refert" (Cato, *Agr.*, 73).

<sup>29</sup> "Si bovem aut aliam quamvis quadrupedem serpens momorderit, melanthi acetabulum, quod medici vocant *zmurnaeum*, conterito in vini veteris hemina. Id per nares indito et ad ipsum morsum stercus suillum adponito. Et idem hoc, si usus venerit, homini facito" (Cato, *Agr.*, 102).

<sup>30</sup> "Votum pro bubus, uti valeant, sic facito. Marti Silvano in silva interdius in capita singula boum votum facito. Farris L. III et lardi IIII S et puluae P. IIII S, vini S. III, id in unum vas liceto coicere, et vinum item in unum vas liceto coicere. Eam rem divinam vel servus vel liber licebit faciat. Ubi res divina facta erit, statim ibidem consumito. Mulier ad eam rem divinam ne adsit neve videat quo modo fiat. Hoc votum in annos singulos, si voles, licebit votare" (Cato, *Agr.*, 83).

De modo geral, é observável que o vinho era utilizado em conjunto com outros ingredientes, geralmente plantas e ervas, mas também incluindo ingredientes de origem animal, como mel, ovos, pele de cobra ou fezes de porco, para compor os remédios. O processo de preparo e a administração desses medicamentos seguiam padrões rigorosos, pois os ingredientes deveriam ser combinados em proporções específicas e preparados e administrados segundo regras precisas. Por vezes, essa preparação e administração parecem ter conotação ritualística mágico-religiosa, enquanto, em outras, está claramente associada aos rituais de sacrifício aos deuses. Em certos casos, o vinho, em conjunto com outros elementos, desempenha o papel de alimento e preventivo de certas doenças. Percebemos ainda que Catão apresenta diferenças de posologia para adultos e crianças.

Por fim, pode-se observar que não há menção a médicos envolvidos na elaboração ou administração dos remédios. Embora escravos ou pastores possam participar desse processo, o *pater familias*, a quem Catão dirige seu texto, permanece como um protagonista central nessa prática da medicina tradicional.

### **Considerações finais**

Podemos afirmar que em Roma, desde o período arcaico, houve uma estreita ligação entre magia, religião e práticas de cura, associando-as aos cuidados com o corpo e com a dieta, fazendo uso de produtos provenientes da agricultura e dos bosques, com usos importantes de ervas e do vinho. Embora essa forma de medicina tradicional tenha predominado durante o período arcaico e início da República, a chegada dos médicos gregos não a eliminou por completo.

Os vínculos entre a religião, a medicina e os usos do vinho são bastante evidentes na sociedade romana. Enquanto, em nossa concepção contemporânea de mundo e medicina, ou mesmo na concepção de medicina grega que eventualmente se disseminou em Roma, esses elementos podem parecer dissociados, é inegável que eles estavam intrinsecamente interligados no contexto romano, especialmente na prática da medicina tradicional.

A emblemática figura da deusa Meditrina, sendo considerada a divindade associada à cura, aos medicamentos, à longevidade e ao vinho, reúne e simboliza esses elementos simultaneamente. Ademais, durante as celebrações da *Meditrinalia*, os cultos são dedicados aos deuses que contribuem para a produção do vinho, preservando, assim o caráter rural e estabelecendo uma conexão entre a prática da medicina e da agricultura.

Essa forma de medicina tradicional é evidenciada na obra de Catão. Embora seja desafiador determinar o quanto essas práticas descritas por Cartão eram de fato adotadas

na medicina doméstica/tradicional romana, o fato de que várias de suas prescrições e receitas envolvendo o uso do vinho apareçam de forma semelhante, sem outras fontes, sugere que elas possam ter sido amplamente empregadas. Embora as receitas de Catão sejam apresentadas como orientações práticas para o cotidiano, é importante também as enxergar como um discurso apologético ao *mos maiorum*, representando uma forma de medicina tradicional em oposição à emergente medicina grega.

De todo modo, fica evidente o papel fundamental desempenhado pelo vinho nessa medicina tradicional, seja como um elemento sagrado que estabelece conexões com os deuses, seja como um componente essencial na prevenção de doenças e na cura.

## Referências

### Documentação textual

- ARNOBIUS. *Adversus nationes*. Iowa: Drake University, 1949.
- CATO. *De agricultura; Da agricultura*. Tradução, apresentação e notas de Matheus Trevizam. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.
- SEXTUS POMPEIUS FESTUS. *De verborum significatu quae supersunt*. Stuttgart: Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana, 1997.
- VARRO. *De língua latina*. Oxford: Oxford University press, 2019.
- PLINE L'ANCIEN. *Histoire naturelle*: livre XXIX. Paris: Les Belles Lettres, 1962.

### Obras de apoio

- AUPERT, P. Stele dite de Meditrine. In: LANDS, C. (ed.). *Dieux guérisseurs en Gaule romaine*. Lattes: Musée Arqueologique Henri Prates, 1992, p. 164-165.
- BRUN, J.-P. *Le vin et l'huile dans la Méditerranée antique*: viticulture, oléiculture et procédés de fabrication. Paris: Errance, 2003.
- BOUVIER, M. Une nouvelle interprétation des stèles de Grand (Vosges). *Bulletin de la Société Nationale des Antiquaires de France*, 2006, p. 267-282, 2012.
- CITRONI, M. et al. *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.
- DE CAZANOVE, O. Jupiter, Liber et le vin latin. *Revue de l'Histoire des Religions*, t. 205, n. 3, p. 245-265, 1988.
- DUMÉZIL, G. *Fêtes romaines d'été et d'automne, suivi de dix questions romaines*. Paris: Galimard, 1975.

- ERNOUT, A., MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots.* Paris: C. Klincksieck, 1932.
- ESPÉRANDIEU, E. *Recueil général des bas-reliefs, statues et bustes de la Gaule Romaine.* Paris, 1966.
- FESTUGIÈRE, A. J. Compte rendu critique de la traduction McCracken, note ad loc. *Vigiliae Christianae*, n. 6, p. 208-254, 1952.
- GRAS, M. Vin et société à Rome et dans le Latium à l'époque archaïque. In: NENCI, G. et al. *Modes de contacts et processus de transformation dans les sociétés anciennes: Actes du colloque de Cortone (24-30 mai 1981).* Rome: Publications de l'École Française de Rome, 1983, p. 1067-1075.
- HART, G. D. *Asclepius: the god of medicine.* London: Royal Society of Medicine Press, 2000.
- HEIM, J.-C. E.; SALLMANN F. K (dir.). *Nouvelle Histoire de la Littérature Latine: L'âge de transition: de la littérature romaine à la littérature chrétienne, de 117 à 284.* Tessalonica: Brepols, 2000.
- LE BONNIEC, H. La philologie latine au service de l'histoire de la religion romaine. *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, n. 38, p. 389-401, 1979.
- MUDRY, P. Reflexões sobre a medicina romana. *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 8, p. 179-193, 2016.
- NOAILLES, P. Les tabous du mariage dans le droit primitif des Romains. In: \_\_\_\_\_. *Fas et Ius: études de Droit Romain.* Paris: Les Belles Letres, 1948, p. 1-27.
- REAL, C. El vino como alimento y medicina em la sociedade romana. *Fortunatae: Revista Canaria de Filología, Cultura y Humanidades Clásicas*, n. 3, p. 305-314, 2004.
- SANDEI, I. Il vino nella società romana (maschile): la medicina, la 'cena', la sfera religiosa. *Ager Veleias*, n. 3.14, 2008.
- SANTACROCE L, BOTTALICO L, CHARITOS I. A. Greek medicine practice at Ancient Rome: The Physician Molecularist Asclepiades. *Medicines*, n. 12, v. 4, 2017.
- SCHILLING, R. La vision de la religion romaine par Georges Dumézil. *Revue des Études Anciennes*, t. 70, n. 1-2. p. 83-91, 1968.
- SKOVENBORG, E. In vino sanitas. *Bibliotek for Laeger/Medicinski Forum*, p. 3-38, 1990.
- TCHERNIA, A. *Le vin de l'Italie romaine: essai d'Histoire Économique d'après les amphores.* Roma: École Française de Rome, 1986.